

SCHNEIDER, ARND ALTERNATIVE ART AND ANTHROPOLOGY: GLOBAL ENCOUNTERS

DOI
[https://dx.doi.org/10.11606/
issn.2525-3123.gis.2019.162344](https://dx.doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.162344)

Schneider, Arnd. 2017. *Alternative art and anthropology: global encounters*. London: Bloomsbury Academic.

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-5101-6817>

PAOLA LAPPICY
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 05508-010
fla@usp.br



O livro *Alternative art and anthropology: global encounters*, editado por Arnd Schneider, traz uma conversa entre antropólogos, artistas, etnógrafos e curadores de fora do eixo euro-americano, que discutem as suas experiências antropológicas na arte contemporânea. Entre artigos, entrevistas e imagens de autores de diversos lugares do mundo, Schneider reitera a proposta de uma conversa global, que amplie o debate entre antropologia e arte contemporânea, até recentemente uma discussão metropolitana centrada num eixo ocidental. O campo da antropologia foi dominado por discussões sobretudo ocidentais acerca de arte e antropologia. O livro propõe uma descentralização desse debate, por meio da leitura de outras experiências que há pouco tempo não estavam no eixo de discussão.

Em cada capítulo, o editor amarra narrativas que constroem um envolvimento entre os campos da antropologia e da arte contemporânea, por meio de diferentes perspectivas e interpretações. O livro recolhe histórias pessoais de artistas, antropólogos e curadores que exploram arte e pesquisa antropológica nos seus países. Depois de cada relato de experiência, há um capítulo com a transcrição da entrevista de Schneider ao artista, antropólogo ou curador, debatendo a experiência e interpretações da experiência, trazendo perspectivas fundamentais para o debate entre arte e antropologia.

O livro discute arte contemporânea por meio de fotografia, filme, som, instalações, pinturas, esculturas, poesia e outras formas de arte. Em cada capítulo, há imagens dos espaços e exposições dos artistas entrevistados. A partir dessas imagens, das conversas e das histórias de cada um, entra-se num debate acerca de metodologia e teoria no campo de discussão.

A premissa que perpassa todo o livro é a intersecção entre arte e antropologias. O foco do volume é trazer outras tradições de arte contemporânea e antropologia para a discussão e colocá-las como centrais no debate, tendo como base as noções de diferença e alteridade.

Schneider disserta sobre alteridade, e como esta implica o que é irredutível. O autor sugere que há formas de ir além da alteridade para transcender a própria alteridade radical. Essas formas consistem na possibilidade de comunicação, e especialmente de tradução. O autor aponta uma questão sobre arte contemporânea num sentido temporal e espacial – quanto contemporânea é a arte ocidental quando vista pelo ponto de vista não-ocidental? Quanto contemporânea é a arte produzida nestes outros espaços? Desta forma, quais são as condições específicas do nosso contemporâneo, quando pensamos no encontro entre arte e antropologia?

Antropólogos trabalham com a tradução de textos escritos e orais e, de forma mais ampla, a “tradução” entre culturas, ou seja, a antropologia

pode ser considerada parte de uma ciência mais abrangente de tradução. Schneider afirma que devemos entender as diferenças e a contemporaneidade da diferença, envolvendo alianças entre diferentes percepções de mundo ou ontologias. É possível pensar uma transversalidade entre a antropologia e as artes contemporâneas, que usam também etnografia em sua abordagem. O autor chama de “hermenêutica desigual” uma forma de entender e aprender pelo Outro que não ocupa o seu território semântico. As propostas dos projetos que estão no livro tentam descentralizar qualquer discurso universal ou unificado sobre arte contemporânea e antropologia.

Os variados formatos de juntar arte e antropologia trazem uma multiplicidade de diálogos para o texto. Os ensaios que compõem o livro apresentam reflexões de artistas interessados em teoria antropológica e trabalho de campo, textos acerca do que deveria ser antropologia da arte, exposições que partiram de práticas etnográficas, propostas de curadoria como forma de pesquisa antropológica e estudos antropológicos sobre prática artística e o uso do trabalho de campo para juntar artistas e antropólogos. Todas essas reflexões pensam arte e antropologia como intersecção, e se propõem a produzir e problematizar o conhecimento a partir da junção dessas duas disciplinas.

Diversos ensaios do livro trabalham conjuntamente como contrapontos para o entendimento do que constitui a antropologia da arte. Shinichi Nakazawa, por exemplo, se pergunta: como somos capazes de combinar arte e antropologia em um só campo? O que resulta dessa síntese e quais os benefícios dela? O autor afirma que podemos ir além das disciplinas das ciências sociais confinadas ao pensamento racional, e recriar a antropologia como uma nova disciplina, que pense por meio do intelecto fluido. Esse pensamento revela o campo da antropologia da arte. Na conversa com Schneider, Shinichi postula que, no conceito de antropologia da arte, está a oposição entre a lógica racional assimétrica da linguagem e o fluido lógico simétrico da arte. A linguagem, para ele, tem tempo linear; o inconsciente, por outro lado, não. É importante para Shinichi pesquisar a arte combinando a mente simétrica e a expressão de fora da mente, usando estruturas lineares. A partir daí, para ele, surge a ideia da intersecção de arte e antropologia.

Lili Fang, dentro da mesma discussão de antropologia da arte, discute por que diferentes cidades chinesas começaram a construir distritos de arte em espaços de fábricas no final da década de 1990. Ela reconhece que os ideais artísticos e a indústria cultural nem sempre têm os mesmos interesses, mas ao mesmo tempo há entre eles uma relação simbiótica. Assim, Lili Fang coloca a ideia do artista como parte da vitalidade política e econômica da cidade pós-moderna.

X. Andrade, adentrando a mesma discussão de forma mais provocadora, se coloca de forma crítica em relação a projetos artísticos públicos a partir de reflexão sobre a colaboração da Full Dollar com a arte no Equador. Trabalhando em projetos colaborativos principalmente com não-artistas, a Full Dollar usa estratégias de apropriação para desenvolver um olhar etnográfico crítico institucional sobre diferentes economias visuais. Por “economias visuais”, o autor entende formas complexas como imagens são afetadas por fazer parte de processos concretos de produção, distribuição e consumo. X. Andrade fala sobre dois projetos em que o método etnográfico foi usado para colaborar com artistas e artesãos – em ambos os projetos, a crítica à forma como as ideologias neoliberais homogeneizam o espaço público toma centralidade.

Muitos outros ensaios refletem acerca da exposição como forma de propor encontros interdisciplinares entre diferentes culturas. Nesses textos, há a discussão acerca da transformação de uma cultura quando em diferentes contextos. Almira Astudillo Gilles, por exemplo, traz reflexões pessoais sobre o contexto que envolveu o projeto “Art and anthropology: portrait of the object as Filipino”, concentrando-se na intersecção entre arte e antropologia com o objetivo de pensar a produção do conhecimento. Focando tanto no processo quanto na criação artística, cinco pintores das Filipinas e cinco filipino-americanos de Chicago criaram arte que retratava sua identidade cultural e sua relação com o objeto etnográfico. O projeto foi inspirado pela noção de cocuradoria, mas também pensava as construções específicas de identidade cultural. A pergunta “o que é ou quem é um Filipino?” é feita, e os resultados do diálogo são compartilhados com o público.

Tomoko Niwa e Tadashi Yanai também se colocam como curadores-antropólogos, que buscam não necessariamente trabalhos finalizados, mas pensam numa função mais ativa do trabalho de campo e pesquisa. Eles propõem uma exposição que combina elementos da vida rural em Shanbei com trabalhos manuais de flores de janela – recortes de papel usados pelas pessoas do local para decorar suas casas no festival de primavera. A partir daí, surge um projeto ambicioso de uma exposição de arte-antropologia, que permitiria ir a campo para exibir e filmar cenas cotidianas.

Outra exposição que compõe um ensaio no livro é *Dobrak!*, uma exposição de cinco projetos colaborativos desenvolvidos por artistas especialistas de campos da antropologia, estudos culturais e ciências sociais. A colaboração teve curadoria de Adeline Ooi e Mella Jaarsma, e os cinco projetos resultam de processos de seis meses de parceiros em cada equipe, cada qual escolhendo a forma como queria trabalhar. A palavra *dobrak* significa, na Indonésia, “quebrar”. No projeto, quebrar foi pensado no sentido positivo, como processo de renovação, quebra de tradições. A exposição dá espaço a processos colaborativos como alternativa para a

individualidade característica do mundo artístico. Os cinco trabalhos trazem interpretações de temas que refletem contextos e camadas do cotidiano na Indonésia, desde pensar religiões como espetáculos até uma reflexão acerca do batik (método manual de estampar tecido).

Nessa construção de narrativas, *Alternative art and anthropology* se torna uma produção fundamental para expandir os campos da antropologia e da arte contemporânea. O volume traz para a discussão tradições de arte contemporânea e antropologia que estão fora do eixo euro-americano e as coloca como centrais no debate. Sendo assim, Schneider, como editor, constrói uma narrativa que contribui para o campo da antropologia por meio de vozes de diversos lugares do mundo, descentralizando o debate e deixando evidente o potencial da pesquisa artística para a antropologia, e da antropologia para a arte contemporânea.

O livro não se atém a relações em que a antropologia se engaja com a arte como uma forma de tradução, ou em que a arte se utiliza de métodos etnográficos sem um posicionamento crítico. O volume vai além dessas discussões, e propõe de fato uma forma de produção de conhecimento tanto artístico quanto etnográfico. Sendo assim, durante todo o livro se pensa a arte não como um fim em si mesmo, mas como uma forma de produção de conhecimento. A proposta de Schneider de apresentar artistas, curadores e antropólogos que não estão no centro do debate ocidental enriquece o eixo de discussão do livro. Desta forma, o debate é descentralizado, e a leitura abre a reflexão para os caminhos de intersecção entre arte, antropologia e práticas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Schneider, Arnd. 2017. *Alternative art and anthropology: global encounters*. London: Bloomsbury Academic.

PAOLA LAPPICY é doutoranda em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Sua pesquisa é voltada à área de Antropologia das Formas Expressivas, com ênfase em Etnomusicologia. É pesquisadora do PAM (Pesquisas em Antropologia Musical), coordenado por Rose Hikiji e também pesquisadora do projeto temático "Musicar Local - novas trilhas para a etnomusicologia" coordenado por Suzel Ana Reily. No doutorado, pesquisa cantos e relações musicais no cotidiano do presídio e, no mestrado, desenvolveu uma pesquisa relacionada a cantos e relações musicais de catadores de lixo na cidade de São Paulo. E-mail: paola.gomes@usp.br

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 30/05/2019

Reapresentado: 06/06/2019

Aprovado em: 20/07/2019